



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



**O mal-estar na cultura contemporânea: Internet,
Sintomas e Perversão**

Ícaro Alves Pereira da Silva

UBERLÂNDIA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



O mal-estar na cultura contemporânea: Internet, Sintomas e Perversão

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof.º Dr.º Airton Pereira do Rêgo Barros

Ícaro Alves Pereira da Silva

UBERLÂNDIA
2023

O mal-estar na cultura contemporânea: Internet, Sintomas e Perversão

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof.º Dr.º Airton Pereira do Rêgo Barros

Banca Examinadora

Uberlândia, 23 de novembro de 2023

Prof.º Dr.º Airton Pereira do Rêgo Barros
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof.º Dr.º João Luis Leitão Paravidini
Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Ms. Karen Resende Penha
Psicanalista

UBERLÂNDIA
2023

Dedicatória

Este trabalho é dedicado a meus pais, Ronaldo e Maria Lúcia, por terem se esforçado tanto, acreditando e compartilhando um sonho que nunca foi só meu.

A minha avó Mercedes, por ter me ensinado o peso da coragem.

A minha falecida avó Leonice, por ter me mostrado o dom de uma boa prosa.

Também a minhas amigas e amigos que tornaram o fardo da vida acadêmica, longe de casa, muito mais leve.

RESUMO

Ao longo das últimas três décadas, o sujeito cada vez mais se encontra em outro campo de expressão de seus sofrimentos, e nas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) surgem verdadeiras mutações ligadas à relação deste com seu *pathos*. Através da perspectiva psicanalítica, o que Freud conceitua como “Mal-estar na civilização” nos ajudará a perceber os movimentos que a subjetividade tem tomado para se regular na sociedade contemporânea. Nesse sentido, essa monografia teve como objetivo analisar como as NTICs e a internet enquanto fenômeno social têm influenciado a subjetividade dos sujeitos contemporâneos na formação de uma singularidade dos seus sintomas. As especificidades do mal-estar nas culturas hiperconectadas podem ter fundado uma nova “economia psíquica” própria dos sujeitos contemporâneos, que chegam à clínica na forma de novas expressões de uma sintomatologia e apresentando modos de ver o mundo implicado num Mais-de-Gozar, operado na dimensão do consumo, na perspectiva do ideal de sujeito neoliberal, alinhado a um gozo perverso e demonstrado no comportamento político, cultural e histórico dos sujeitos. Conclui-se que de fato, o sujeito que chega à clínica hoje é atravessado por diversas questões que o diferenciam do sujeito do século XX.

Palavras chave: Psicanálise, Novas Tecnologias da Informação e Comunicação, Capitalismo, Mais-de-Gozar, Mal-estar.

ABSTRACT

Over the last three decades, the subject increasingly finds himself in another field of expression of his own suffering, and through the New Information and Communication Technologies (NITCs) true mutations linked to his relationship with his *pathos* emerge. Through a psychoanalytic perspective, what Freud conceptualizes as “Civilization Discontents” will help us understand the movements that subjectivity has taken to regulate itself in contemporary society. In that regard, this monograph has the aim to analyze how NITCs and the internet as a social phenomenon have influenced the subjectivity of contemporary subjects in the shaping of a singularity in its symptoms. The specificities of the Malaise of hyperconnected cultures may have founded a new “psychic economy” typical of contemporary subjects, who arrive at the clinic with new symptoms and presenting ways of seeing the world involved in a More-of-Enjoyment, operated in the dimension of consumption, from the perspective of the ideal of a neoliberal subject, aligned with a perverse enjoyment and demonstrated in the political, cultural and historical behavior of the subjects. It is concluded that in fact, the subject who arrives at the clinic today is crossed by several issues, which differentiate him from the subject of the 20th century.

Keywords: Psychoanalysis, New Information and Communications Technologies, Capitalism, Over-Enjoyment, Malaise.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 PERCURSO TEÓRICO.....	8
2.1 O Mal-estar na Cultura em Freud e a Contemporaneidade	9
2.2 Neuróticos, perversos, e as condições do sujeito contemporâneo	11
3 O GOZO PERVERSO NO MUNDO HIPERCONECTADO.....	15
4 OS SINTOMAS DA PÓS-MODERNIDADE.....	27
5 CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

Nesta década, contados cerca de 25 anos desde o início da oferta comercial de conexão à internet, muito se desenvolveu nesse setor e sua aderência à sociedade, que vem se expressando por diferentes modos dentro do avançar das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs). No início, um computador doméstico com internet, ou um celular móvel, se apresentavam como objetos com status de luxo para a classe média. Hoje, ambos os aparelhos se apresentam essenciais para a participação de grande parte dos brasileiros no mercado de trabalho e educação; em outras palavras, para a inserção social e econômica de muitos. A rápida expansão da internet, bem como sua abrangência, é o que leva os pesquisadores a refletirem sobre seus impactos na sociedade, economia, política e cultura (Capobianco, 2010).

É um mundo globalizado, em rede, em que o uso das NTICs disparou não só no Brasil, mas no mundo todo, o que permite que esse mundo globalizado seja constante, e que se articule como nunca e mais ainda. É de se perceber que o atual principal meio de comunicação de massa suaviza a linha entre produto e consumidor. Utilizado através de dispositivos integrados ao sujeito e no seu cotidiano, estando disponível 24 horas à interação do sujeito, a vida cotidiana acaba por espelhar a vida on-line, fazendo dela o palco da cultura do sujeito contemporâneo em sua massa e em seu senso comum.

Neste trabalho, observaremos na literatura, pela perspectiva psicanalítica, as mutações nas insatisfações pulsionais inerentes à cultura humana e sua regulação da vida em sociedade. O que Freud (1930/2010) conceitua como “Mal-estar na civilização” nos ajudará a perceber os movimentos que a subjetividade têm tomado para se regular na sociedade contemporânea. A partir deste estudo, buscaremos encontrar o que se faz presente na manifestação do mal-estar contemporâneo, utilizando da literatura e clínica psicanalítica, e de uma leitura material e marxista, implicando na homologia entre o *Mais-de-Gozar e a Mais-Valia*, e em

como o mal-estar opera na dimensão do consumo, dimensão essa que está em voga na perspectiva do ideal de sujeito neoliberal.

Esse trabalho tem sua importância devido à escassez de estudos no âmbito da psicanálise que utilizem as redes sociais como objeto, neste caso, mais especificamente as NTICs. Como aponta o trabalho de Lima et al. (2016), há uma escassez de trabalhos relativos a abordagens da psicologia perante o desenvolvimento da internet, das redes sociais e suas decorrentes mutações sociais; assim, esse é um campo a ser explorado pela psicanálise. Também se faz relevante estudar esse tema devido ao impacto causado pelo uso das NTICs na vida das pessoas em quase todas as sociedades ao redor do mundo: estamos falando de internet superveloz, transmissão de dados 5G através dos *smartphones*, redes sociais, aplicativos de compras, relacionamentos; todos passaram a fazer parte integrante da vida das pessoas em pouquíssimo tempo – a existência no mundo virtual muitas vezes suplanta a existência material.

Atualmente tornou-se uma premissa existir no mundo virtual, através de perfis, avatares de sujeitos que projetam em suas redes, um ideal de Eu que não corresponde à realidade, mas sim mascara a condição humana de quem está por trás deste *Semblant*. Os efeitos dessa projeção são muitos e se manifestam de diversas maneiras, seja na construção de subjetividades frágeis ou em um tipo de sofrimento peculiar; o que acontece é que de fato nos escapam as consequências, mas não o condicionante das mesmas. Portanto cabe-nos perguntar: onde se encontram as singularidades no Mal-estar das civilizações hiperconectadas? A que se condicionam, tentando fazer frente ao Real?

O sujeito se faz presente no meio da disseminação de informações em rede, permeado por diferentes estímulos e utilizando novas ferramentas para se expressar e fazer ser visto, entendido. Temos nas NTICs dinâmicas novas de relação com o outro, que afetam o sujeito, a história e a cultura. O analista há de ser um observador de seu tempo, e esse processo de

estudo sobre o tema se mostra real, dados os crescentes acontecimentos sociais que tiveram nas redes sociais um palco que entrava em segundo ou primeiro plano, mas que sempre compunha o acontecimento, a narrativa, o discurso e a abrangência dele, sendo essencialmente um ator político que tem induzido os rumos do debate social da massa popular. É o real de um mundo globalizado e hiperconectado que pauta esse estudo.

Em o "Mal-estar da Civilização", Freud (1930/2010) nos alerta sobre as demandas de uma sociedade que permanece criando perspectivas inalcançáveis, impactando o sujeito que chega à clínica, o que se percebe dentro de um círculo vicioso do neoliberalismo que expressa seu sintoma através dessa cultura de afetações líquidas. Existe fundamento na procura dos psicanalistas em inserirem a psicanálise na contemporaneidade, por motivos que zelam o avanço do método, mas principalmente pela urgência de um posicionamento frente ao sujeito que chega ao setting analítico, consoante Rudge (2006). A psicanálise que não se ocupa da ótica social e que não projeta os conflitos sociais pode considerar-se desperdiçada ou desviada, pois é fato que por destruirmos ilusões colocamos ideais em perigo e

transformamos o indivíduo em nosso inimigo, desvelando o que nele se acha reprimido, também a sociedade não pode responder com simpatia ao implacável desnudamento de seus danos e deficiências; pelo fato de destruirmos ilusões, acusam-nos de pôr em perigo os ideais. (Freud, 1910/2013, p. 226)

Portanto, este trabalho tem como objetivo fazer uma monografia acerca de como as NTICs e a internet enquanto fenômeno social têm influenciado a subjetividade dos sujeitos contemporâneos, a partir de uma nova expressão do mal-estar na contemporaneidade que se manifesta alinhado a um gozo perverso, demonstrado no comportamento político e cultural dos sujeitos, permeados por uma economia que coloca em voga uma luta de classes perversa, em que o sujeito é alienado a uma montagem perversa.

2. PERCURSO TEÓRICO

As Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) se apresentam inicialmente como uma alternativa ao manejo de dados tradicionais das tecnologias de informação e comunicação que se tornaram essenciais no início do século XX. Mudando de perspectiva ao longo dos anos, acaba sendo hoje o principal meio de comunicação em massa, através de dispositivos integrados ao dia a dia da comunicação em rede; ou seja, a internet em sua função mínima do nosso cotidiano. Este ensaio toma como objetivo implicar, pelo método da psicanálise, os agentes dessa expressão cultural cotidiana que se encontra hiperconectada.

Estas novas tecnologias vão para além do básico da comunicação verbal e são parte das particularidades do mal-estar contemporâneo. A vida em rede espelha a vida cotidiana, denunciando uma formação cultural narcísica que já está para muito além das circunstâncias em que Lasch (1979/1983) escreve seu livro. Os sujeitos expressam-se numa plataforma controlada, onde propaga-se o compartilhamento, a reação, a dúvida, o comentário, a disponibilidade de contato, o *like*; tudo se apresentando como um meio para que se expresse o objetivo de alcançar as exigências de um mundo que demanda mais e mais Narcisismo – ou seja, é necessário mais do que nunca se afirmar como espelho, como ideal de algo. Disso se encontram sintomas como o de *Body Shaming* ou a afirmação de um “Auto-amor” às avessas, em que se evidencia o sofrimento narcísico (Bilenky, 2013).

“O desejo é o movimento”, anuncia Freud (1900/1996a), e se vivemos num mundo que nunca para, vivemos num desejo que nunca se dá por completo, apagando a linha tênue entre desejo e necessidade. Nunca se chega a esse ideal de algo, a esse sucesso, apenas propagado como mercadoria. Por mais que se tente ser, os sujeitos se afirmam na falta, num estado de insuficiência e falência simbólica, no negativo do Ideal. Nessa falta se inscreve o

sujeito e se demanda o produto que cobrirá a falta, apontada pelo poder coercitivo do consumo, pautando as relações de classes no capitalismo neoliberal.

Para Soler (2012), esse modo de gozar ligado à performance de consumo é notório, tornando-se um imperativo do Super-Eu, imperativo disseminado em nossa sociedade e muito presentificado no discurso de figuras políticas ou de “ajuda”, criando um enredo em que o consumo de objetos forjados, disponibilizados aos montes, levaria em si a crença de um suplemento ao gozo perdido, o Mais-de-Goza – modo de gozo que aumenta as exigências de *performance* frente ao horror do fracasso.

2.1. O MAL-ESTAR NA CULTURA EM FREUD E A CONTEMPORANEIDADE

Grandes autores da sociologia como Bauman (1993/1997, 1998, 1999, 2000), Habermas (1985), Giddens (1971, 1990) e Lasch (1979/1983, 1984) se concentraram em avaliar o período histórico pensado como “Pós-Modernidade”, em que se implicam as continuidades, contradições e rupturas com a história – os traços culturais, simbólicos e éticos deixados dessa interação – que definem a realidade (simbólica) de um sujeito perante o Outro.

Na Modernidade, o paradigma principal era o da ordem, regente de crenças, concepções e práticas pautadas pela racionalidade, hierarquia, cientificidade e diferenciação (Bauman, 1999). Houve alguns fatos que levaram o sujeito à descrença no paradigma da ordem. Nos fenômenos que a sociedade ocidental passou nos últimos anos do século XX é de se reconhecer o lugar da ambiguidade, da polissemia, da diversidade, da contingência, dos “limites flexíveis e tênues” em todas as esferas de expressão humana, do mercado financeiro ao sexo e a intimidade.

Crendo numa condução fora da Ordem, o sujeito se encontra observando o mundo à sua volta por um ponto de vista meramente pessoal, o dito subjetivismo. Não é novidade que

essas transformações nas práticas culturais significam mudanças na própria cultura, nos valores de determinada sociedade e na subjetividade dos sujeitos inscritos nessa sociedade (Vygotsky, 2007), porém como isso afeta?

A cultura pensada por Freud (1930/2010) se refere a todo conjunto de atividades humanas e valores construídos, úteis para alcançar a realização humana. Independente da qualidade, os sujeitos se fazem surgir na natureza através de suas construções simbólicas, circundadas pela sociedade em que se inserem. Mais cedo em sua obra, Freud (1908/1969b) teoriza que a cultura utiliza-se de repressões que inibem a satisfação do desejo humano, ou seja, o castra de seus prazeres que não se encaixam no molde da cultura. Entretanto, em troca, se oferece uma satisfação substitutiva que é insuficiente para contornar esse desejo. Essa troca desmedida que se aceita na submissão do sujeito perante a sociedade é o que se entende como um mal-estar incontornável, pois é justamente essa repressão que, segundo Freud, permitiu que nos civilizássemos.

Freud utiliza da cultura como *fons et origo* de sua teoria, dando importância à vivência relativa das pessoas, que influencia fortemente nas pesquisas a respeito do sofrimento psíquico. Seu princípio de partir do contato da cultura com o sujeito e seu *pathos* é passado adiante no estabelecimento de que só se avança na teoria a partir da clínica, pois nela se deve priorizar a descoberta e superação das resistências apresentadas pelos analisados. Para Freud (1910/2013), o futuro da clínica psicanalítica estaria na superação dos seus limites frente aos trâmites culturais: “Confiado, justificadamente, em que os complexos se entregarão sem dificuldade, tão logo as resistências sejam reconhecidas e eliminadas” (p. 226).

2.2 NEURÓTICOS, PERVERSOS E AS CONDIÇÕES DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

Parece que na contemporaneidade esse limite imposto pela castração tem perdido sua força. Nas palavras de Lacan (1962-63/2005), a castração se refere a uma falta decorrente da perda primordial, que ao final do Édipo, faz com que o sujeito deseje, colocando a estrutura em movimento via demanda. Introduzindo-nos a ideia de significação fálica, a castração funciona como angústia determinante de uma simbolização, de uma estrutura.

Nesse jogo de estruturas, o neurótico é enlaçado pelo desejo do Outro, e no seu modo de gozar é colocado na posição de objeto de gozo da qual tenta se defender, pois não deseja ser mero instrumento, mera ferramenta do gozo de terceiros – o maior medo do neurótico é perder o controle, seja de seu corpo, seja de seu cotidiano. Entretanto, pela falência do Nome-do-Pai, essa defesa nunca lhe parece suficiente. A angústia de ser dominado, de não ter controle sobre si, o leva a buscar sair dessa condição através de uma montagem perversa, ou seja, numa perspectiva que remonte uma onipotência infantil, em que as leis e normas são apenas instrumentos que valem para se atingir objetivos calculados, o que ruma à uma dessimbolização (Dardot & Laval, 2016).

Nas sociedades contemporâneas, de acordo com (Enriquez, 1990b), as expressões da dessimbolização se fazem mais presentes, um literal mundo fora da ordem se faz presente ao passo que se criam mais e mais condições para a livre expressão da perversão, tendo a perversidade banalizada à medida que se estabelece um mundo que nega a castração. Conjurando um indivíduo que é onipotente perante a vida e perante os outros, se faz possível a partir deste enredo e dentro dessa fantasia montada determinar o futuro, colocá-lo à prova dos modelos explicativos elaborados pelo mercado, algo que toma os sujeitos como commodities, postos sob uma régua de sucesso ou fracasso, um alto ou baixo, que naturaliza, desde a concepção destes, um princípio de competitividade nos comportamentos dos indivíduos.

Em palavras mais simples, esse mundo que nega a castração está internalizado na forma com que famílias educam seus filhos e no convívio de instituições, que tratam seus componentes tomando cada vez mais o sujeito como indivíduo capaz de exercer pleno controle sobre seu aqui, seu agora e sobretudo, seu depois. Crianças são postas a aprender inglês ou mandarim ainda na primeira infância com 4 ou 5 anos, com a justificativa da inserção futura destes infantes num mercado de trabalho que é vivo e instável, pois é concebido por projeções e mais projeções que inflacionam a estima desses sujeitos. Tal noção neoliberal transforma o sujeito em, ao mesmo tempo, instrumento e saber, caracterizando assim a base do discurso da montagem perversa. Consoante Enriquez (1990a):

“Podemos afirmar que a criação das grandes organizações, que a generalização das ciências e das técnicas, que a transformação progressiva, em nossa sociedade, de relações sociais em relações de dinheiro e mercadorias foram criadoras de indivíduos que se situam numa posição perversa, ou permitiram a tais sujeitos encontrar na estrutura social conteúdo com o qual satisfazer suas pulsões” (p. 302).

É preciso cada vez mais garantir a satisfação plena, o gozo. Seja pelo próprio consumo, modo que promete alcançar uma felicidade ideal imaginária e que nunca falta, seja na busca por fundamentar o sujeito elegível às condições do mercado. É dessa forma que o neoliberalismo busca afirmar seus sujeitos, na dupla face da relação objetual sem limites, o consumidor e o consumado.

O elegido onipotente tem como principal característica a afirmação no ato de consumo do outro, na busca de instrumentalizá-lo como objeto, de seduzi-lo com a ideia de que sabe mais e por isso tem direito sobre ele. Voltando ao exemplo das crianças que buscam cumprir as exigências de seus responsáveis cada vez mais cedo: elas apenas são submetidas a tal trabalho pela promessa de que foi dada a seus pais, geralmente por figuras míticas da política, do mercado ou da ciência, que no alto de seus saberes denunciam o fim do mundo e

vendem a salvação. Só se exige tal coisa acreditando que isso as salvaria no futuro de ter uma condição de vida ruim, uma resposta que condiz com um narcisismo ambivalente.

Assim como um produto que busca cumprir uma exigência no rótulo de sua embalagem para assim ser comprado, da mesma forma se encontra o sujeito: “Tornar-se e continuar sendo uma mercadoria vendável é o mais poderoso motivo de preocupação do consumidor, mesmo que em geral, latente e quase nunca consciente” (Bauman, 2008, p. 76). No capitalismo neoliberal, a dinâmica da sociedade apresenta o consumo como atributo social indispensável, moeda de troca de enorme representatividade e agente de identificação social; sobretudo, é a afirmação do ato de consumo que se faz protagonista no discurso político, que deixa de protagonizar os moldes de infraestrutura ou igualdade de direitos. Podemos ter nas ruas uma violência policial que persegue minorias, que quando não mata, encarcera em massa.

Porém, o que vai gerar um debate inesgotável na grande mídia é se essas minorias perseguidas estão tirando o espaço de indivíduos “mais competentes” na universidade, na televisão, na música ou no cinema. A questão que fundamenta o debate público dentro das redes tornou-se a categorização de sujeitos enquanto indivíduos elegíveis ou não a serem representados; se eles sofrem não importa muito, mas se a protagonista branca do *blockbuster* dos anos 90 foi trocada por uma protagonista negra no mais atual *remake*, a indignação surge, e o conflito toma proporções históricas.

Nesse jogo, no estádio social, é de se perceber uma dificuldade tremenda em sequer conceber, distinguir e discutir os reais problemas da sociedade neoliberal, pois qualquer solução parece lenta e burocrática demais para o cidadão comum sequer se considerar capaz de entendê-la. Inclusive é um risco tomar partido de problemas que vão para além do individual. O trabalhador de hoje sabe que, se entrar em greve, ter uma militância de partido

ou se quiser votar diferente de seus pares, pode acabar sendo penalizado por quem está acima dele; como exemplificam bem diversos relatos de trabalhadores que foram despedidos de seus postos de trabalho por não concordarem com o ideário político de seus superiores e de empresários que se gabam nas redes sociais de terem apenas empregados de um determinado espectro político.

Neste sentido podemos implicar que o neurótico coloca-se como objeto de gozo desse Outro, posição à qual cada vez mais ele não é capaz de renunciar. O sujeito perverso se apresenta perante essa mesma demanda do outro lado da equação, como instrumento do gozo e como “saber” sobre as modalidades e métricas deste gozo, sendo então o líder da alcateia, o Homem Alpha ou Sigma, a *GirlBoss* ou qualquer bobagem adicional que dê ao sujeito a categoria de genuíno perante os tantos outros que não são genuínos.

Bobagens adicionais são fundamentais para a constituição de uma colagem na montagem perversa, pois essa se pauta no imaginário da coisa, nas hipóteses que se criam, nos paralelos e parábolas, na fantasia que preenche um objeto vazio, que inflaciona seu valor. Como uma criança que fantasia por dias o que está dentro de seu *Super Mega* presente de Natal, embalado e repousado sob a árvore, na sala cheia de enfeites e luzes. O barato está no prazer da ansiedade que prenuncia o abrir, pois há a promessa de algo *Super, Mega*, de uma experiência *Plus*, que adiciona um valor real no produto final, mas que após pouco tempo se percebe que aquele presente não é tão *Super* ou *Mega* quanto pensava, pois agora ele o possui e o *Plus* foi apenas no preço.

Esse fundamento de inflacionar o desejo está por toda a parte; tornar o próximo passo cada vez mais absurdo, claro que de um modo prazeroso, é o que leva os sujeitos a seguirem à espera do cumprimento dessa promessa com cara de verdade. No campo político, temos o icônico “*Make America Great Again*”, inspirando o retorno a uma realidade estupidamente

conservadora, caricata, mítica, fantástica, nostálgica. Desejo que se faz impossível, pois claramente tal passado tão fantasiado nunca chegou a existir, sendo em essência um passado fabricado aos moldes do que falta no presente, um totem vazio sem um significado claro para além da propaganda, que se sustenta no discurso repetido e reproduzido em outdoors, panfletos, eventos, toda e qualquer manifestação daqueles enlaçados no saber concebido pela montagem perversa; “o líder Perverso sabe o que é melhor”, ele é a fonte inesgotável de saber, mesmo que esse saber tenha de ser remendado por quem o escuta, o que cria dissonâncias e ambiguidades entre o discurso dito e o discurso ouvido. Esses grupos não se aliam à coletividade, eles estão unidos pelo mal entendido, que quando se apresenta não passa de ferramenta de mobilização.

Uma passagem curiosa: nos últimos dias do seu derrotado governo, Bolsonaro não havia se manifestado ainda sobre qual era o próximo passo de seu plano político, e tanto seus apoiadores quanto seus opositores se ocupavam de pensar quais medidas ou contramedidas seriam cabíveis para que Bolsonaro tomasse ou deixasse o poder. Havia acampamentos por todo o Brasil que se dedicavam a demonstrar apoio ao ex-presidente, que suplicavam na porta dos quartéis um violento golpe de estado. Bolsonaro, no período, nunca confirmava estar envolvido na organização desses acampamentos ou nenhuma intenção clara de golpe, não negava, não assumia, não demonstrava estar falando de seus objetivos reais.

Através deste fenômeno testemunhamos situações em que se ouvia dos apoiadores de Bolsonaro as mais incongruentes teorias e frutíferas conspirações que buscavam situar esse desejo confuso de Bolsonaro, relacionando com outro desejo, e outro, e outro. Nas fotos postadas pelo ex-presidente havia “códigos” que apenas quem tem “um bom olho” ou poderia decifrar, códigos apelidados pela imprensa de apito de cachorro (*dog whistle*), que apontavam para a posição de uma banana na mesa, o significado da posição da mão, ou a marca da manteiga. Esses elementos banais tomavam qualquer forma, desde que se remonte um

significado que justificasse a razão desta paixão, que nunca foi recíproca, e que se encontrava cada vez mais falida. A política do *dog whistle* se baseia nesse efeito de uma mensagem política que emprega uma linguagem ambivalente, em código, parecendo por um lado significar uma banalidade para a população em geral, mas tendo, por outro, um significado específico para um grupo-alvo.

É de se observar que a maneira de fazer política nos últimos anos tem tomado esse sentido perverso: de um lado, ações e discursos que se pautam num caráter disruptivo, escatológico, agressivo em seu desejo de destituir uma etnia ou grupo social de seus direitos conquistados, em proveito de “cidadãos de bem”, indivíduos que preenchem uma imagem de respeito perante o ideal neoliberalista. Do outro lado, ações e discursos que se justificam na garantia do renascimento de uma cultura que se considera no discurso como ideal, perfeita e bela, em detrimento à cultura contemporânea dita decadente, hipócrita, delirante e imoral. A imagem simplificada de mocinho e bandido corrobora para que este desejo inflacionado seja tomado como possível.

3. O GOZO PERVERSO NO MUNDO HIPERCONECTADO

As condições do pensar e agir na contemporaneidade perpassam por princípios estruturais de consumo, dentro de um sistema que faz elegível apenas um sujeito que deseja o outro, que se consome no outro, tentando buscar o que havia perdido; que tinha, porém, não possuía. Pode se dizer que tal modo de funcionamento, de dinâmica, já existe há muito tempo, o que é um fato verossímil, levando em conta que o sistema capitalista é vigente há décadas, e teve tanto em Freud quanto Lacan suas implicações dentro de suas respectivas obras. Entretanto, o que interessa aqui é tomar medida de como esse sistema tem se consumido cada vez mais pelo seu próprio princípio, que não se conclui, que deixa um resto.

Lacan conceitua algo que dá conta desse resto, o gozo, caracterizado pelo autor através de algumas modalidades que serão úteis para que possamos implicar a função que toma o resto dentro da dinâmica do sujeito. Gozo não é prazer, ou pelo menos não só; consoante Lacan (1969-70/1992):

“Podemos conceber que o prazer seja violado em sua regra e seu princípio, porque ele cede ao desprazer. Não há outra coisa a dizer – não forçosamente à dor, e sim ao desprazer, que não quer dizer outra coisa senão o gozo” (p. 81).

Neste trecho, o autor considera o gozo tanto como um excesso insuportável de prazer quanto como uma manifestação no corpo que traga sofrimento. O gozo se encontra no êxtase de sentir um prazer excessivo, que de fato dói mais do que o sujeito consegue simbolizar, e se não simboliza, não se recorda, e se não se recorda, busca-se repetir, na tentativa de entendê-lo, simbolizá-lo. O resto dessa equação é o que move ela à frente, uma “dízima periódica” do desprazer.

Em “Além do Princípio do Prazer” (Freud, 1920/1969a), nos deparamos com o que Freud define como um princípio regulador do funcionamento do aparelho mental. Trata-se de um princípio econômico, que em seu trabalho tem a função de buscar o prazer, e evitar o desprazer. Agindo de forma contraintuitiva, o prazer toma sua real forma na busca de menos excitação, enquanto o desprazer aparece como um aumento de excitação, de tensão. A balança entre prazer e desprazer determina o quanto de energia está em jogo no aparelho psíquico; energia essa que é gasta no esforço de manter a excitação baixa, ou ao menos constante, impondo limites aos excessos que tensionam o lugar do Eu. Nomeamos assim o Princípio do Prazer (Freud, 1920/1969a), que grosso modo pode ser entendido como uma barreira ao imperativo do gozo (Lacan, 1969-70/1992).

O Princípio do Prazer, porém, não governa soberano, operando, assim como Freud (1920/1969a) descreve, “uma forte tendência” a barrar o gozo, mas que pode ser contrariada por algumas outras circunstâncias. Há algo no aparelho psíquico que ultrapassa a tendência do princípio do prazer. A busca de um sujeito pela repetição de sua dor é um bom exemplo de circunstância que é incompatível com o princípio do prazer; testemunhamos na clínica tal condição de repetição nos neuróticos, cumprindo uma satisfação outra, que não é prazer, mas sim pulsão. A dor cresce em sua expressão no que é repetida inúmeras vezes pelo sujeito, excedendo o Princípio do Prazer, e buscando através até do sonho repeti-la, não desmentindo, mas dando novas e novas funções para aquilo que deixa de ser simbolizado. Mecanismo denominado por Freud (1927/1996b) de compulsão à repetição.

Falamos sobre algo que excede, que advém sem cessar sobre o sujeito, “alguma força demoníaca” (1920/1969a, p.46) como Freud afirma em sua impressão, que compõe uma força que leva em seu bojo o elemento primitivo de compulsão à repetição, aliada principalmente à pulsão de morte, compulsão essa que é algo “mais primitivo, mais elementar e mais pulsional do que o princípio do prazer que ela domina” (Freud, 1920/1969a, p. 34). A pulsão de morte é associada a qualquer propensão que busque aniquilar toda a configuração do sujeito, tentando levá-lo à uma redução de todas as tensões, o que o colocaria em estado inorgânico, morto, uma força de extinção que devora o que fora conservado.

Assim, o sujeito, quando tende a compulsoriamente repetir seu ato, não o repete pelo que será resolvido neste novo ato, mas sim pelo resto anterior a ele. Uma tendência que é primitiva, e que leva em seu âmago a intenção da pulsão de morte ser satisfeita: isso que está em jogo quando falamos sobre o sujeito e sua relação com o gozo. Entretanto iremos além afirmando que o sistema social capitalista do qual fazemos parte talvez seja o único protagonista nesse enredo que opera em cena como um Pícaro, que tem um mítico sorriso.

A intenção da compulsão à repetição só é iniciada através de uma demanda superegóica, que de forma estruturalmente travessa, bufona e descarada, exige do sujeito que ele deseje mais, sufocando o desejo. Em algum momento o sujeito se vê perdido em sua demanda, desejando apenas gozar do próprio consumo. Há de se tentar sobrepor uma imagem ideal sob as características de qualquer um, para que este se torne elegível a um lugar de privilégio, um lugar de felicidade, que é inalcançável quando deparado com o indizível do real. E na procura desse complemento se busca incessantemente o ato. O ato pode ser entendido aqui como a repetição de uma ideia através de uma ação, representando uma pulsão, uma descarga. O ato não equivale a uma ação, nem a uma descarga motora, mas "os atos são constituídos pela dimensão significante, orientados por coordenadas simbólicas da linguagem" (Lacan, 1967-68, p. 4). O ato sempre nos diz algo.

Esse sistema se inseriu inicialmente na vida do sujeito Moderno, e tomou mutações que o levaram à posição de Pós-Modernidade. Algo que muda nesse processo, segundo Pena (2016), é o fato do consumo ter se tornado superego, norma social imperativa. O consumo que pauta leis e justifica ditaduras e regimes é negociado entre nações, dentre outros negócios; o consumo adquiriu um estatuto de imperativo de gozo, por meio da modalidade do Mais-de-Gozar.

No contexto atual, em que a resposta primeira do discurso que oprime é o consumo, espera-se que todos se encontrem dentro dos produtos que o capitalismo oferece no mercado, sendo pautado na demanda, na promessa de conseguir suprir, mas que paradoxalmente, sempre deixa a desejar, pois o sujeito não alcança de forma alguma a satisfação completa, e se a alcança, alcança na medida de seu narcisismo, tendendo a repeti-lo da mesma forma.

Pelo desgaste dessa relação com o Mercado, que se expressa como um chiste, numa notável falta de sentido, o conceito de objeto de consumo tem sido levado a seu limite,

dependendo apenas da promessa de quem o forja, sendo uma resposta à falta, não importando outra característica senão a da função de complemento de gozo. No mundo hiperconectado acabamos sendo expostos a todo tipo de serviço, produto, estratégias de marketing. Pode-se, por exemplo, pagar um valor a alguém que atuará nas redes sociais como um amigo ou que aumentará o número de seguidores dessa rede artificialmente.

Explora-se qualquer coisa que possa ser comercializada em seus miúdos, na realidade de pobres sujeitos; o saber da ética se torna um produto, esterilizado, reservado aos mais privilegiados: à universidade, ao campo da ciência moderna, a quem faz as contas no mercado do saber. Uma estratégia sabida da luta de classes é justamente frustrar o saber do proletário para que ele possa ter uma falta, uma condição fundamental para que haja a plena exploração de sua força (Oliveira, 2008).

Por todos os lados existem indícios da luta de classe, seja no Mercado, na Ciência moderna detentora do saber, nas instituições públicas, nos agentes políticos. Há de se compreender que o consumo não é bem uma escolha, pois promove dentro de todo um sistema a subjetivação desse sujeito. O consumo, tão logo, é condição de existência, condição de trabalho. O que permite o sistema amarrar o sujeito é a unificação da ciência, que reduz todos os saberes a um mercado único, tornando-os comparáveis e, portanto, valoráveis, mercadoria. A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, pelas suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa (Marx, 1988).

O saber é a propriedade que possibilitaria uma totalidade fechada. O contraponto desse saber totalizante é o saber em jogo na psicanálise, o saber que não se sabe. No sentido científico-capitalista, o saber toma justamente o lugar daquilo que move a valoração, o preço:

“O preço encarna-se às vezes no dinheiro, mas o saber também, isso vale dinheiro, e cada vez mais. É o que deveria nos esclarecer” (Lacan, 1968-69/2008, p. 39).

Marx (1989) descreve algo que é homólogo: fundamentalmente é necessário que o mercado abstraia todas as particularidades dos diversos trabalhos úteis, para que eles se tornem comparáveis e cambiáveis, unidades de valor, que se equivalem apenas por distintas quantidades de tempo despendido de força de trabalho, um processo de homogeneização que condiciona o dito trabalho abstrato. No capitalismo, “o trabalhador se torna servo do seu objeto [...] para que possa existir primeiro como trabalhador e, segundo, como sujeito físico” (Marx, 1989, p. 152).

O trabalho abstrato corresponde à mesma unidade de valor que o saber abstrato, saber esse que passa pelo mesmo processo de homogeneização, de assumir valor dentro de um sistema, que possibilite a comparação, computação e troca dentro do Mercado. Em suma, tanto na compra desse saber, quanto na compra desse trabalho, há algo que é obtido sem que seja preciso pagá-lo, mesmo se pago por seu “verdadeiro” preço. Do trabalhador se extrai a Mais-Valia, do saber se extrai o Mais-de-Gozar.

A condição da homogeneização constrói e articula o que se torna uma unidade de valor, trabalho da ciência que permite à Universidade se eleger como um mercado do saber no surgimento do mercado de trabalho. Segundo Lacan (1969-70/1992), é de se perceber que a partir do saber é que o gozo pode ser ordenado e estabelecido como buscado e perverso, do mesmo modo que é necessário a homogeneização nesse processo.

Lacan (1968-69/2008) propõe em seu Seminário 16 uma nova definição do mal-estar na civilização freudiano: “é um mais-de-gozar obtido da renúncia ao gozo, sendo respeitado o princípio do valor do saber” (p. 40). No literal deboche do Mais-de-Gozar do qual se vale o

capitalista, a falha inerente ao saber, condição fundamental de Mercado, não cria para o capitalista nenhum problema; é na falha que o chiste faz morada.

Nesse sentido, o chiste é “a habilidade de encontrar similaridades entre coisas dessemelhantes, isto é, descobrir similaridades escondidas” (Freud, 1905/1996c, p. 5). Vinculado ao inconsciente, o chiste aparece através de técnicas como a abreviação, o jogo de palavras ou o duplo sentido, ou o uso múltiplo do mesmo material, um caso especial de condensação como Freud explica no artigo. No Seminário 16, Lacan retoma a questão do chiste. Esse, na provocação do riso, sempre demonstra uma relação com um objeto que esvanece, dito o Mais-de-Gozar. Percebe-se que na mesma ordem de um susto, ou na presença e ausência rápida de um sorriso, ocorre algum ganho, como *Lustgewinn*: o lucro age como ganho de gozo.

O gozo na operação do chiste é recuperado pela falha do saber, rir da mesma piada não gera o mesmo efeito de quando se ouviu pela primeira vez. A figura do capitalista de sucesso fareja essa falha do saber, as lacunas, o erro do qual se explora o favor do capitalista, que repetidamente o acumula, aprendendo a escalar na ordem da sociedade. O passe de mágica do capitalista, sua escamoteação, é que ele rouba o que é seu de direito, um ladrão que rouba outro ladrão, em seu direito, tem cem anos de perdão; nesse mesmo sentido, o capitalista escamoteia, faz uma mágica, roubando o que é seu por direito, rouba o que comprou por seu valor de mercado: a força de trabalho do proletário. Em última instância, ele não paga, e mesmo que pague, não se mostrará suficiente, porque há algo não pago no que ele paga.

Lacan (1969-70/1992), nesse mesmo sentido, define como rico o que usufrui da riqueza, que a define com excelência como objeto da economia política: “O rico, diz ele, ele compra tudo, em suma – enfim, ele compra muito. Mas queria que vocês meditassem sobre o

seguinte – ele não paga” (p. 77). O pagamento está longe de ser equivalente, apenas se imagina que ele paga, por razões contábeis, das quais os ganhos excedem esse mero campo, pois sabemos que o rico sempre acrescenta mais à sua mais-valia, só não queremos pensar muito em como.

No Seminário 5, Lacan insere a oposição entre sentido e gozo, a partir da oposição entre sentido e valor. “A dimensão do valor impõe-se em contraste com a dimensão do sentido. É uma outra vertente, um outro registro” (Lacan, 1957-58/1999, p. 85). A dimensão do valor, por ser oposta ao sentido, produz sempre uma falha, uma brecha, aquela mesma que o capitalista sabe fazer usufruto.

Um artista da falta, o capitalista faz seu reino através do imperativo expansivo de seu discurso. Atrai quem busca explorar, usufrui do que falta desses, utiliza das instituições de poder para criar mais condições que destinam a alienação do proletariado a um mercado de saber, a um mercado de trabalho que o despreza em suas peculiaridades, sendo tomado como unidade de valor cambiável, tornando-se um agente que busca o impossível da promessa do capitalista.

De certa forma, o capitalista oferece o que o proletariado pensa que quer, e o proletário se submete ao capitalista pois acredita em sua Lei, a Lei dominante burguesa. Há um exemplo prático dessa inocência em crer numa Lei que não o pertence: os movimentos anti-sindicato creem no sucesso da defesa do sujeito jurídico perante as injustiças que sofre, porém, neste movimento, o sujeito é individualizado, não constitui uma força coletiva, nem ao menos conhece as nuances da Lei por não fazer parte dela. Entretanto, esse sujeito crê estar a par de seu contraponto, ou seja, crê que o capitalista, ou o outro lado do tribunal, tem as mesmas ferramentas e saberes disponíveis que ele, uma fantasia sem dúvidas delirante.

Mas porque tal tragédia se constitui? Retomemos a raiz da inserção nesse destino, lá no ser, no próprio corpo, que em sua origem, é experienciado como fonte de prazer ilimitado, que, na passagem da castração Edipiana, passa a se afirmar como lugar simbólico de trocas, passando a ter seus ganhos de prazer pelo trabalho da fantasia e da fala.

A partir da castração, o gozo do ser é barrado e torna-se inacessível ao sujeito, perdido para sempre. Abre-se a possibilidade deste ter acesso ao gozo fálico, gozo limitado e fora do corpo, possível através da palavra. O que gera gozo é justamente como o sujeito joga com o significante, a condição para a inserção de um sujeito em sociedade é utilizar, como aparelho de gozo, o significante. Nisso se faz presente a falta, no efeito que resta da utilização deste gozo com o significante, do gozo fálico; surge na perda o Mais-de-Gozar (Lacan, 1969-70/1992). Voltando ao exemplo do trabalhador que é posto diante de seu empregador como igual, a fantasia, o gozo, está não na possibilidade de sucesso de uma eventual defesa de direitos, mas na diferenciação do sujeito perante seus pares, colocado ilusoriamente a par de seu algoz.

A razão da fantasia suplanta o gozo primeiro, aquele ilimitado, dele só resta eleger os objetos fantasmáticos que produzem o desejo (Bidaud, 1998). A produção do objeto a se dá em torno do mais gozar. A entrada na linguagem faz com que as pretensões do gozo se transformem em discurso articulado. A linguagem promove o advento do sujeito e interdita o gozo e vem em suplência à falta de gozo, partindo do princípio de que o gozo sexual (ou fálico) é em si mesmo uma barreira ao gozo em geral. É por depender do significante que o gozo sexual faz limite.

O sujeito renuncia ao gozo acreditando na promessa de outro gozo, especificamente aquele que é particular aos sujeitos submetidos à ordenação do Nome-do-Pai, a dita Lei,

não sendo esta necessariamente burguesa ou dominante. O gozo fálico faz inveja, se torna acessível "a partir da inclusão do sujeito como súdito da Lei no registro simbólico, como sujeito da palavra que está submetido às leis da linguagem. O gozo sexual faz-se, assim, gozo permitido pelas vias do simbólico" (Braunstein, 2007, p. 32).

Nesse sentido, a Lei burguesa pode ser tida como principal auxiliar do sistema capitalista, uma vez que ela condiciona a exploração do proletariado que consome, e a existência do capitalista que lucra com sua Mais-Valia. Para isso, a Lei afirma-se através da exploração, pelo mercado de disponibilidade de produtos de consumo, pela busca do suplemento de gozo, pela busca do objeto a, pelo Mais-de-Gozar. Vigente no discurso do capitalista, a separação entre sujeito barrado e objeto a não existe. Nesse discurso, investe-se em evitar qualquer separação entre o sujeito e o objeto. O discurso detém os meios de gozar enquanto ele implica o sujeito e assegura que ele terá "felicidade" se consumir o que aponta; dessa forma um dos objetivos da economia de mercado é engendrado: tornar as pessoas dependentes dos produtos de consumo, produtos que só criam esse vínculo pois pretendem tamponar uma falta.

A Lei dominante tem seus favoritos, e podemos acusar um método pelo qual ela elege esse favorito: Lacan (1968-69/2008) refere que o perverso é aquele que se consagra em tapar o buraco no Outro, uma função análoga às operações do Mercado no desígnio de sua mercadoria no capitalismo. Enquanto na neurose o sujeito se questiona a respeito do seu desejo, na perversão existe uma resposta sobre o desejo no sujeito perverso, o desejo aparece como vontade de gozo e o ato que o leva é vivenciado como triunfante, isento de qualquer sentimento de culpa. O perverso sabe o que quer, ele está convencido de saber a verdade sobre o gozo (Coutinho et al., 2004).

Podemos compreender que é no espalhar dessa verdade sobre o gozo que surgem os líderes perversos que utilizam de um culto à personalidade. O ambiente cultural da pós-modernidade se tornou cada vez mais propício ao sujeito perverso, ou ao sujeito com montagem perversa. O laço social que se escora na perversidade mostra-se facilitado pela estrutura dos mecanismos sociais vigentes.

A perversão é uma estrutura fundante do sujeito, que surge na relação deste com a castração, uma condição constitutiva da falta para o sujeito que Freud denominou de “realidade psíquica da castração” (Freud, 1924/1976); realidade essa que origina o condicionamento do sujeito a adentrar nas possibilidades do mundo simbólico, buscando contornar o insuportável da castração. A dor de existir sempre remeteria à dor da castração, que Lacan (1966/1998) aponta como um buraco estrutural, uma “privação originária” (p. 699): sem o operador da perversão, a *Verleugnung* (desmentido), não haveria a desautorização da castração (Freud, 2007).

Este homem que toma o status de ideal tem a capacidade de atingir altos níveis de produtividade, ininterrupto, ilimitado, garantidos através de procedimentos e técnicas que garantem que se aproveite o que esse ser toma como seu. Tal ideal de Eu é disseminado a partir das economias capitalistas com grande poder de influência, que exige paridade entre esse ser e o sujeito que chega à sua porta pedindo por trabalho. O que vai de encontro ao sentido é que de fato, buscando seu valor, o sujeito neurótico busca cumprir esse ideal, este desejo do Outro, e com seu movimento, acaba por prender-se a este desejo, garantindo a hegemonia de quem controla os meios de produção, mas também garantindo uma forma de subjetivação e sociabilidade dentro do sistema. Permeado por práticas, com uma dita roupagem científica, cria-se um laço nas relações de trabalho fundamentalmente baseado no controle sobre o gozo, no saber, na tentativa de negar a castração e a diferença. Consoante Calligaris (1986):

“O que mais me interessa na questão das perversões não é tanto a estrutura perversa, que, evidentemente, é pouco comum, mas a facilidade com a qual o neurótico se prende em formações perversas. [...] O que me interessa é a maneira como o neurótico pode chegar a entrar numa montagem perversa que lhe torne possível uma vida social, ou seja, prender-se com os outros numa mesma montagem” (p. 19).

O laço social que os sujeitos buscam estabelecer no capitalismo tem seu respaldo no que difere o perverso e o neurótico. O perverso localiza-se em uma posição particular, através do modo pelo qual ele se relaciona com a falta e com a incompletude: aceitando-a e, contraditoriamente, negando-a, a um só tempo. Em outras palavras, a cultura contemporânea nos incita a lidar com a falta e a incompletude da existência da mesma forma que um perverso.

Se no século passado, o sujeito ocidental buscava representar seus afetos de forma incisiva, sólida, até um pouco dramática, o mesmo sujeito, no século XXI, quer entreter e ser entretido, buscando manter-se leve, superficial, almejando o que é prazeroso de imediato, fugindo de pretensões que esboçam uma maior seriedade. Acreditar que esse sujeito é produto de um abandono a valores conservadores ou tradicionais de sociedade não me parece certo, de fato o culto ao hedonismo, à perfeição dos corpos e ao prazer imediato são valores dos quais os sujeitos conscientemente estimam consigo, buscando a legitimação de seu desejo e o direito ao prazer. Entretanto, a lógica simplificadora, óbvia e bastante imediata dos quais estes mesmos sujeitos se utilizam, sugere que existe uma ligação a alguma outra coisa, outra coisa que quando alcançada em seus requisitos, não provém algum sentido existencial, não difere o sujeito do objeto.

Talvez tenhamos distorcido o sentido de ser anterior à Pós-Modernidade, para justamente cumprir as exigências da realidade imposta pelo Império do Consumo, que demanda um sujeito simplificado, limitado, que vê com desesperança o futuro, que busca cumprir sua fantasia de completude com uma única imagem de realidade social, pautada como produto, embasada no que se tem de mais novo no bem-estar científico.

4. OS SINTOMAS DA PÓS-MODERNIDADE

A forma de apresentação dos sintomas é fruto de sua época, das mudanças sócio-econômicas, das ideologias vigentes, que contribuem para o surgimento de novas modalidades de sofrimento. Nesse sentido, dentre as psicopatologias contemporâneas destacam-se: as doenças psicossomáticas, a anorexia, a bulimia, as depressões, a síndrome do pânico, as adicções.

O sintoma pode ser compreendido de três modos, segundo Lacan (1957-58/1999): o sintoma como mensagem endereçada ao Outro, como gozo, e como produção e invenção do sujeito. O sintoma é linguagem, sendo através da palavra que se revela o sentido que a mensagem-sintoma escancara e esconde; aqui o sintoma só cria sentido na sua relação com outro significante. Porém, até mesmo depois de ter caracterizado seu sintoma, o sujeito pode não querer renunciar a ele. O que resta do sintoma, o gozo, lhe é muito caro. E por último, um sintoma também se encontra na modalidade de ser um saber sobre si, inconsciente sobretudo, que alimenta a produção do sintoma através de sua ligação com uma cadeia significante. O sintoma nesses termos é entendido como o modo que cada um sofre em sua relação com o gozo, na medida em que cada um só se insere aí, pela função do Mais-de-Gozar.

Ferraz (2003) afirma que estamos diante de novas formas de sofrimento psíquico que são peculiares ao nosso tempo, pois são manifestações psíquicas diferentes das neuroses descritas por Freud. Seja pela apresentação no corpo, pela dificuldade de falar decorrente de uma pobreza do mundo interno, pela diminuição da capacidade de elaboração mental, os sintomas atuais se caracterizam pela falência do Nome-do-Pai como Lei, e pela campanha de eleição ao sucesso do qual o capitalismo neoliberal submete os seus sujeitos.

No assistir do culto aos corpos “bem cuidados”, uniformizados em um mesmo padrão estético, o que toma o lugar das emoções e pensamentos é a simples imagem, a aparência estática, sem vida. No desejo do corpo ideal, o sujeito se submete a se tornar alvo do atravessar de um discurso que não o destina; seguindo as normas e padrões do que é desejado e belo, o sujeito faz morada num desejo alugado, do qual não é dono, mas que paga um alto valor.

Fuks (2003) implica as reverberações de tal condição de sujeito, na perda de espaço do diálogo para a imagem, na morte do sujeito desejante, que constrói sua vida marcado pela solidão, isolamento, esgotamento criativo e tédio, um sujeito que assume um posicionamento de pouco compromisso com a vida e com os afetos, um ser indiferente a si e aos outros.

Isso se articula com Bauman (2008), que aponta a individualização dos sujeitos como característica fundamental da indiferença, da provisoriedade, mas de uma considerável liberdade provida pelo sistema, que oferece isso de forma instável e insegura – mas ainda assim, oferece. É uma “grande festa” para a qual todos estão convidados, porém ninguém está seguro de que chegará ao final dela. Demarcando a falência da inscrição do Nome-do-Pai como significante da Lei, tudo pode acontecer, pois as

referências estão em crise, e o que move a maioria dos sujeitos não é mais o conflito interno, ou a oposição a um objeto, características essas pertencentes a neurose, que fundaram o sujeito comum da psicanálise do século passado – o que move grande parte dos sujeitos é sua legitimidade em exhibir seu gozo.

Ora, podemos observar isso no cinema, a sétima arte, que em seu apogeu prometia revolucionar a maneira com que se contava uma história, objetivando uma trama tecida que surpreendesse o espectador com bons personagens e bons conflitos, criando um bom diálogo com quem quisesse se entreter com ela. Porém, após anos de muito avanço tecnológico, o que importa no cinema hoje é a promessa de que se está imerso em uma nova realidade, na ânsia de ser inundado por sons de diferentes lados, luzes em diferentes cores, efeitos digitais que são gerados e passam por um crivo muito exigente de “realidade”; é preciso mais definição, mais pixels por polegada, mais dimensões, mais e mais estímulos sintéticos, que encontram um mercado abarrotado de indivíduos – geralmente, de classe média – que tomam a produção do cinema como a produção de uma emulação “fidedigna” da realidade, revelando uma literal busca de estímulos que levem ao gozo por diversos orifícios, que suspenda o sujeito de seu encontro com o Real, inundando o imaginário deste de forma a reconfortá-lo. O cinema passou a tradição do teatro como forma de arte, não dependendo mais da imaginação, ou da empatia de quem vê. A trama perde espaço para o espetáculo. Para que este sujeito consumidor aponte para si, na ameaça da invasão do outro, deve dizer que gozou, goza e gozará disto, quantas vezes forem necessárias para se satisfazer, indicando que as condições do real impostas a ele lhe são indiferentes, um narcisismo, tomando a si mesmo como objeto de amor.

Esse autoerotismo na forma de consumir entretenimento pode ser abrangido a todo tipo de mídia, sustentando uma intimidade fantasiosa do espectador com o espetáculo, alimentada viciosamente por uma indústria que visa agradar os compradores e expandir seu

alcance ao máximo. Assim, o sujeito consumidor é seduzido a acumular peças que mal tem valor de uso, como insígnia de seu amor a essa intimidade, a esse afeto autoerótico, pois quanto mais se tem, mais se é próximo, mais se faz valorar esse afeto entre sujeito e indústria.

De certa forma, no passado, ocorriam fenômenos parelhos a este; podemos pensar que não existe nada de muito novo em relação a esse mecanismo de sedução do mercado para com o seu consumidor, a não ser um fator que se mostra nítido: é proibido declarar um limite nessa relação.

A moral da sociedade em que Freud viveu era bem repressiva se olharmos em comparação com a moral contemporânea: havia a promoção a interdição do gozo e o sujeito buscava construir limites; hoje, está proibido proibir, a barreira ao gozo parece ter sido removida, e com isso temos sujeitos que concluem que tudo é permitido, contanto que se alcance o gozo prometido. É comum vermos adolescentes ou adultos extrapolar seus limites de cartão de crédito, com algo que se caracteriza como essencial, o prazer prometido. Zizek (2008) atribui bem a problemática disto, apontando que não exatamente existe uma ausência de dever, mas uma nova qualidade de dever, em que o gozar torna-se uma obrigação moral.

É evidente que o discurso que fomenta a busca de gozo tem sérias repercussões clínicas. Uma verdadeira proliferação de patologias em que os atos parecem substituir a palavra, o que sugere uma hegemonia de respostas subjetivas pela via do ato, via do gozo: esses seriam os sintomas “novos”, que demarcam de novidade a relação do sujeito com o mal-estar contemporâneo. Ligados ao declínio da função paterna, o que se apresenta na prática é uma clínica das impulsões, novos tipos de adições, depressão, bulimia, anorexia,

hiperatividade, dentre outras categorias que chegam como demanda, e que demonstram no sujeito um empobrecimento de reflexão, de interdição de si.

O conceito de função paterna, perpassa nuances que acusam seu declínio, que atinge e dissolve os grandes códigos de conduta construídos com o primor da ciência e filosofia dos séculos passados que estimavam governar a sociedade. A função paterna não se refere exclusivamente ao pai biológico: Roudinesco (2003), relaciona a função paterna a “aquele que conduz pela mão” (p. 21), por via da palavra, designando-se a si mesmo com a palavra pai, nomeando-se como um com a designação da mãe. Vale ressaltar que a presença do pai se faz importante não pelo Nome-do-Pai procriador, mas pelo pai pela fala, que delinea a lei da proibição do incesto. Sendo mais exato, “a presença real do pai não é indispensável: o que parece indispensável é a presença do pai no discurso da mãe” (Mannoni, 1986, p. 48). Sendo essa função paterna fator principal para se efetuar a separação edípica entre mãe e filho, a entrada da função terceira que vem objetivar a interdição da relação dual mãe-bebê.

É isso que vai gerar o interesse em derivar o desejo a outras coisas, implicar o sujeito em metonímias e metáforas. Lemaire (1979) diz que “a palavra do pai (no Édipo), interdita a mãe ao filho, coloca-o na instância de derivar seu desejo para outra coisa” (p. 215), prosseguindo com “quando a mãe nega à palavra do pai a função da lei, impede o filho de aceder à metáfora paterna, isto é, a representação de um pai que seja a autoridade que o separe dela” (Lemaire, 1979, p. 288). Com o declínio da função paterna, observamos sujeitos que não suportam uma relação com a castração, com o desencontro. Melman (2008), em sua tese do homem sem gravidade, suscita que de fato podemos teorizar uma economia psíquica que empurra o sujeito para o incesto, sem a necessidade de realizá-lo para existir, pois a figuração clássica, uma ligação com a mãe, não mais interdita, não há

limite, nem objeto que se torna simbólico. Com o declínio da figuração do pai, não se enoda o desejo à lei como antes, não se insere o sujeito às leis da troca como antes.

O resultado é que o grande Outro permanece preservado como um lugar vazio, não à toa percebemos sujeitos indiferentes ao resto do mundo, distantes de tudo, sujeito que assim pode continuar "inteiro, não barrado e onisciente em sua ignorância, na medida em que não está ativo, que não opera em nenhum pequeno outro (o que significa dizer que ele está *a priori* isento de qualquer responsabilidade nesse nível)" (Zupancic, 2007, p. 7).

O que alimenta as conceituadas patologias do contemporâneo, nada mais é que o próprio sistema capitalista, para além de afirmações conservadoras que acusam uma aversão à liberdade de expressão de minorias ou uma perversão de uma cultura que deixou de acreditar em Deus. O sujeito é explorado não só em sua mão de obra, mas também em seu imaginário, sobrecarregado de estímulos, carregado pelo excesso; o capitalista é quem produz a falência no simbólico.

É mais importante ter do que ser, se você tem um item de valor você tem valor, uma ligação imaginária que associa um objeto a uma subjetividade, que cerceia o pensamento ao consumo desenfreado, compulsivo a ponto de estarmos sempre conectados a *gadgets* que irão prover essa ligação reconfortante, o “cronicamente on-line” é aquele sujeito que não se desliga das NTICs, apresenta dificuldades de simbolizar o mundo à sua volta, de pensar por si, refletir e dialogar de forma moderada com o Outro. Por não ter esse Outro simbolicamente preenchido, o sujeito é levado a preenchê-lo de imagens providas como um produto que fabrica o Outro, que retira a humanidade, criando uma imagem estática, imutável.

É muito benéfico para o capitalista essa epidemia de sujeitos acrílicos, sujeitos que não saem do senso comum, que até na política expressam um voluntarismo a um discurso

que lhes convém pelo prazer, pela legitimação do aglutinado de “iguais” que segue. Não é absurdo afirmar que os sujeitos de hoje são explicitamente instrumentalizados uns pelos outros de forma a obter o gozo um sobre o outro. Mas claro, quem ri do começo ao fim é o capitalista, pois dessa forma, a política, meio de organização social e debate, se tornou mero mercado, capitalizando a opinião e subdividindo minorias. O sujeito acaba perdido em sua causa, nos deslizos das contradições entre causa e sujeito.

A grande pluralidade de ideias e valores morais diversos é uma forma do mal-estar se fazer presente e singular. A “mítica” ascensão dos movimentos de extrema direita que pregam desesperadamente o retorno da autoridade, como método de resolução de todos os problemas “que estão aí”, instauram a demanda de uma autoridade capaz de selar as contradições que estão sendo aguçadas pela própria normatividade competitiva que o neoliberalismo promove ao máximo.

O fenômeno das fake news, ou seja, a disseminação de notícias falsas, relaciona todas as nuances do sintoma do mal-estar que foram discutidas ao longo do texto, colocando em ação a característica impulsiva do sintoma contemporâneo, a montagem perversa, o modo exibicionista, autoerótico do sujeito buscar seu gozo fálico, a fabricação do Outro que ocorre no campo imaginário, a desqualificação da autoridade etc. As fake news visam a sedução do sujeito, convencendo-o a aliar-se a uma impressão manipulada e tendenciosa dos fatos, preenchendo o vazio de informação – ou o mal entendido – oferecendo ao sujeito um objeto de gozo do sentido, fechando o espaço para dúvida. Não há mais tempo de “será?”, apenas tempo de “é!”. O tempo necessário para o subjetivar a cadeia associativa de uma fake news é mínimo, imediato, pois graças ao alcance massivo das redes sociais a mensagem é potencializada, quase que onipresente; a notícia se apresenta no bolso, na palma da mão de quem busca verdade na falta de sentido.

Não há mais espaço para dúvidas, dúvida é algo insatisfatório, a verdade, mesmo que fabricada, é o que realmente satisfaz o sujeito, pois há muita pressa e pouca verdade; mesmo que toda verdade tenha uma estrutura de ficção, busca-se quem sabe a verdade verdadeira. O líder verdadeiro elege-se sob o manto desse saber, uma aspiração coletiva que busca estabelecer uma autoridade, validar e deixar um grupo mais coeso. Se existe algo que de fato afirme essa verdade vazia é o voluntariado à opressão dessa mesma, em defesa de uma “crise moral”. Em resumo, o sujeito cria um inimigo imaginário, que ameaça sua existência, e que está sempre o subjugando em tudo, de forma a legitimar a perversidade e a repressão adotada como conduta: o ato político.

Quando colocamos em contraste, se constrói um ótimo exemplo acerca das operações exigidas na clínica clássica e na clínica contemporânea. Na clínica clássica, o sujeito chega com uma demanda de cura, de livramento do insuportável. A manobra analítica clássica se faz dupla: tanto uma transformação heurística quanto ética da demanda se fazem necessárias no trabalho analítico. Faz-se necessário a pré-interpretação que o sujeito faz de seu sintoma para assim ela ser substituída pela busca de uma verdade inconsciente, sendo essa a transformação heurística. Levar o sujeito não mais à cura, mas sim ao saber, na medida em que se acompanha uma mutação ética, inerente a esse processo: "a transformação ética da demanda consiste em indicar ao sujeito a parte que ele tem na fabricação e na preservação de sua condição de sofrimento. Portanto, em fazer trabalhar no sujeito a dimensão ética da culpa" (Recalcati, 2004, p. 5).

Na clínica contemporânea, entretanto, o que se encontra em questão é a própria dimensão da demanda, pois temos sujeitos que apenas visam obter o objeto de gozo de forma ininterrupta, direta, sem uma demanda convulsiva essa dupla operação não parece possível (Miller e Laurent, 2005). O sujeito vem à clínica querendo ser levado à satisfação

de imediato, poupando-se na busca de encarar o simbólico do grande Outro. É a demanda de uma satisfação que não passa pelo Outro e sim pelo próprio corpo, em um autoerotismo.

Existe uma singularidade no mal-estar da cultura contemporânea. As condições da pós-modernidade atravessaram e mutaram o sujeito, que hoje vive fusionado, apagando cada vez mais a diferenciação da sua vida on-line e a realidade fora das redes. As NTICs causaram, nos últimos 25 anos, impactos mais do que significativos na constituição da cultura, no modo de funcionamento dos sujeitos, seja refletindo na clínica ou no conflito político do social, permeados pela primazia do gozo perverso, imposto e conservado pela hegemonia do neoliberalismo. Houve e haverá mudanças na economia psíquica do sujeito, que vão reverberar na economia, na história, na cultura. Seria inocente acusar algum vestígio de naturalidade neste caminho ou “livre arbítrio” desse sujeito contemporâneo tão falido. O catalisador de toda cadeia de mudanças ainda é a luta de classes e os responsáveis por essas mudanças ainda são os capitalistas em sua propagação da montagem perversa, sendo este o principal ponto dessa monografia.

Se existe esta busca incessante por um gozo sem precedentes, essa busca não leva a lugar algum, mas enriquece quem se oferece como saber. Há uma impossibilidade de o gozo saturar completamente o desejo, provendo um contrato que estipula inúmeras tentativas. O sinal disto aparece sob a forma de um afeto, "uma circunstância na qual o sujeito do inconsciente se vê profundamente afetado. Ora por uma decepção ('não era isso'), ora por um estado de tédio" (Cabas, 2009, p. 236). Ou seja, foi transposto o limiar do princípio do prazer e iniciada a busca incessante do gozo, mas no caminho para ele há algo que atualiza o mal-estar e que indica que o gozo encontrado não é ainda suficiente. O excesso de gozo não traz de forma alguma qualquer tipo de realização, mas sim sofrimento, tédio ou decepção.

5. CONCLUSÃO

Como dito anteriormente, a cultura pensada por toda a obra de Freud se faz útil para alcançar a realização humana dentro de todas suas práticas; esta é a dinâmica a que todas se destinam. Mesmo depois de todo o desenvolvimento do texto, essa afirmação de Freud ainda mostra-se condizente com a realidade do social. É da estrutura neurótica o não saber. O insuportável é colocado de lado, pois não por o desconhecemos, apenas por não se querer saber. Por mais que as expressões da cultura pareçam grotescas, decadentes e impotentes, falido é o sujeito que as recolhe e reconhece nelas a busca de sua realização mórbida por excelência, pois a função é afirmar na morte de seu sujeito a vivacidade de uma imagem estática, ideal. Por mais que se negue às vezes, essa troca mesquinha e desigual é o que nos faz de fato sujeitos desse mundo, sujeitos dessa cultura.

Cultura essa que cada vez mais apaga a linha do absurdo, rascunhando o incompreensível que chega no sintoma. A manipulação da grande mídia, o capitalismo financeiro, a instrumentalização dos sujeitos por seus líderes, tudo tem extrapolado os limites do que acreditávamos ser intransponíveis. O governo passado, grande exemplo do misto de interesses de terceiros, realizou uma propagação tão extensa de notícias falsas, que fez com que se negassem até mesmo a fome, a vacina e o formato da terra. E isso parece ter se tornado não um caso isolado, mas um caso de sucesso, pois atualmente, cinco anos após a eleição de Bolsonaro e sete após a eleição de Trump, percebemos cada vez mais a instrumentalização do sujeito pelas NTICs, marcada pela aversão às pautas sociais, pela destruição da dúvida e pela fabricação imediata de verdades que sejam reconfortantes aos sujeitos.

Extrapolando este campo, podemos citar brevemente que a relação das NTICs com os sujeitos perpassa de seus vínculos empregatícios aos amorosos, estando amplamente inserida na expressão desses. Isso cria uma certa dificuldade quando o tema é a regularização estatal

da internet e de suas plataformas sociais, pois o sujeito se confunde com o usuário. O lugar de cidadão se confunde com o lugar de consumidor, que, querendo estar sustentado numa posição de primazia sobre o que compra, acaba por isso mesmo, deixando de se importar sobre seus danos colaterais. Ou seja, o que se escuta é que o que ocorre é um cerceamento, censura ou proibição, capitaneada por aqueles que não merecem crédito algum, ou seja, os deslegitimados àquilo que demonstre qualquer autoridade. É a primazia da perversidade.

O que pode ser uma saída para esse sujeito afundado no ideal neoliberal é o incentivo ao abandono das relações objetais. Todo o sistema atual de economia se baseia na percepção banalizada de sujeitos humanos, como indivíduos vendáveis desde sua concepção. A lógica que instrumentaliza sonhos, que promete uma extinção de ameaças e fobias a um preço alto é atrativa ao neurótico obsessivo, o sujeito normal que vive sua vida tentando controlar o incontrolável. Sujeito esse que passa horas no trabalho para ter condição de pagar uma casa num condomínio que lhe garante sua segurança e de sua família, pois vê no noticiário todos os dias casos sensacionalistas de violência, o descrédito à segurança pública, às figuras de autoridade, e à política coletiva. O sujeito que alimenta o capitalismo é esse sujeito do medo, que busca a montagem perversa como defesa, que vê na solução rápida propagada por figuras facistóides sua liberdade, mesmo que seja em detrimento de outros.

É necessário apresentar a este sujeito a impotência que tais relações objetais condicionam a ele, as consequências de ser instrumento de quem domina o sistema. É necessário fazer com que este sujeito pense fora da caixa. Quanto aos novos sintomas deste mal-estar, a psicanálise tem, sim, instrumentos conceituais para pensá-los; existe um enorme potencial que ainda foi pouco explorado no campo analítico e que poderiam também servir como ferramentas conceituais para pensar a clínica contemporânea.

A problemática, neste caso, está na falta de preparo que a cristalização do saber da psicanálise demonstra, pois a falta de interesse em temas como a internet ou as novas

problemáticas que a clínica tem nos demonstra que existe um certo conservadorismo saudosista que ignora o fato de que Lacan está morto e enterrado, assim como o sujeito do qual ele falava nos tempos áureos do final do século XX. Assim como um puritanismo conceitual que inviabiliza novas formas de pensar a psicanálise, seja fora de um eixo colonial, que pense em racialidade seja num eixo que pelo menos leve em conta os conflitos da luta de classe em torno do sujeito ou que ao menos considere e se adapte às NTICs, considerando que elas já alcançam outros sujeitos e fazem parte de suas vidas.

Existe singularidade nos sintomas do mal-estar contemporâneo, e parecemos não fugir disso, estando em consonância com uma indiferença em relação ao sujeito que chega à clínica, ao ponto de preferir um ensino tradicionalista, que condicione os sujeitos a ler sobre o passado, mas sem prepará-los sobre o que pode ser escrito de seu presente; assim, a psicanálise pode ter sido sim, contaminada, como já aconteceu antes, a se prender ao passado. É necessário abrir os olhos para observar o tempo, permitir olhá-lo com o carinho que Freud tinha, e com a criticidade que Lacan ensina.

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (1997). *Ética pós-moderna*. Paulus. (Trabalho originalmente publicado em 1993).
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (1999). *Modernidade e Ambivalência*. Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2000). *Modernidade líquida*. Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo*. Jorge Zahar.
- Bidaud, E. (1998). *Anorexia*. Companhia de Freud.
- Bilenky, M. K. (2013). A vergonha e os sofrimentos narcísicos. *Ide*, 36(56), 201-205.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000200014&lng=pt&tlng=pt
- Braunstein, N. (2007). *Gozo*. Escuta.
- Cabas, A. G. (2009). *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Jorge Zahar.
- Calligaris, C. (1986). *Perversão – um laço social?*. Cooperativa Cultural.
- Capobianco, L. (2010). A Revolução em Curso. *Estudos em Comunicação*, 7 (2), 175-193.
- Coutinho, A. H. A., Salles, A. C., T. da C., Silva, B. R., Delfino, E. M., Silva, E. M. da, Moraes, G., Morais, M. B. L., & Drummond, S., B. (2004). *Perversão: uma clínica possível*. *Reverso*, 26(51), 19-27.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952004000100003&lng=pt&tlng=pt

Dardot, P. & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo.

Enriquez, E. (1990a). *A organização em análise*. Jorge Zahar.

Enriquez, E. (1990b). *Da horda ao estado – psicanálise do vínculo social*. Jorge Zahar.

Ferraz, F. C. (2003). A loucura suprimida: normopatia, pós-modernidade e instituições psicanalíticas. In F. C. Ferraz, & L. B. Fuks (Eds.), *Desafios para a psicanálise contemporânea* (pp. 79-90). Escuta.

Freud, S. (1969a). *Além do princípio do prazer*. Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

Freud, S. (1969b). *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. Imago. (Trabalho original publicado em 1908)

Freud, S. (1976). A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose. In S. Freud, *Obras completas, volume 16, O ego e o Id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (pp. 193-199). Imago. (Trabalho original publicado em 1924)

Freud, S. (1996a). A interpretação dos sonhos. In: J. Strachey (Org.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (pp. 13-363). Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1900)

Freud, S. (1996b). Fetichismo. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (pp. 155-160). Imago. (Trabalho original publicado em 1927)

- Freud, S. (1996c). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas - Volume VIII* (pp. 17-219). Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2010). O Mal-estar na civilização. In S. Freud, *Escritos Sobre A Psicologia Do Inconsciente – Volume 3* (pp. 191-270). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2013). As perspectivas futuras da terapia psicanalítica. In S. Freud, *Obras completas, volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos* (pp. 219-231). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910)
- Fuks, L. B. (2003). Narcisismo e vínculos na atualidade. In F. C. Ferraz, & L. B. Fuks (Eds.), *Desafios para a psicanálise contemporânea* (pp. 73-85). Escuta.
- Giddens, A. (1971). *Capitalism and modern social theory*. Cambridge University Press.
- Giddens, A. (1990). Structuration theory and sociological analysis. In J. Clark, C. Modgil, & S. Modgil (Eds.), *Anthony Giddens: consensus and controversy*. Falmer Press.
- Habermas, J. (1985). *Die neue Unübersichtlichkeit*. Kleine politische Schriften.
- Lacan, J. (1967-68). *O Seminário, livro 15: O ato psicanalítico*. Inédito.
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-70)
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 496-533). Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)

- Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-58)
- Lacan, J. (2005). *O Seminário, livro 10: A angústia*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-63)
- Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-69)
- Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Imago. (Trabalho original publicado em 1979)
- Lasch, C. (1984). *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. Brasiliense.
- Lemaire, A. (1979). *Jacques Lacan: uma introdução*. Campus.
- Lima, N. L., Moreira, J. O., Stengel, M., & Maia, L. M. (2016). As redes sociais virtuais e a dinâmica da internet. *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 9(1), 90-109. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202016000100008&lng=pt&tlng=pt
- Mannoni, M. (1986). *A primeira entrevista em psicanálise*. Campus.
- Marx, K. (1988). *O capital: crítica da economia política*. Nova Cultural.
- Marx, K. (1989). O trabalho alienado e a superação positiva da auto-alienação humana. In F. Fernandes (Org.), *Marx/Engels* (pp. 146-164) Ática.
- Melman, C. (2008). *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Companhia de Freud.

- Miller, J. A. & Laurent, E. (2005). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Paidós.
- Oliveira, C., (2008). O chiste, a mais-valia e o mais-de-gozar: ou o Capitalismo como uma piada. *Revista Estudos Lacanianos*, 1(1), 1-15.
- Pena, B. F. (2016). *O supereu estrutural e seus efeitos históricos: das dívidas morais na modernidade, às dívidas de performance no contemporâneo*. [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais].
- Recalcati, M. (2004). A questão preliminar na época do Outro que não existe. *Latusa Digital*, 1(7), 1-12.
- Roudinesco, E. (2003). *A Família em desordem: Deus-Pai*. Jorge Zahar.
- Rudge, A. M. (2006). As teorias do sujeito contemporâneo e os destinos da psicanálise. In A. M. Rudge, *Traumas* (pp. 11-23). Escuta.
- Soler, C. (2012). *Declinações da angústia: curso 2000-2001*. Escuta.
- Vygotsky, L. S. (2007). *Formação social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Martins Fontes.
- Zizek, S. (2008). *A visão em paralaxe*. Boitempo.
- Zupancic, A. (2007). Freedom and cause. *II Congresso Internacional de Filosofia da Psicanálise*. UFSCar.